

A INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA PARA LÍNGUA DE SINAIS NO TEATRO: COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA E ASPECTOS COGNITIVOS DA ATUAÇÃO DO TILSP

Raquel Delgado Ramos¹

Vânia de Aquino Albres Santiago²

Resumo: A interpretação no teatro é o tema deste artigo, considerando a mobilização do texto artístico entre duas línguas de modalidades diferentes, o português e a língua brasileira de sinais (Libras). O objetivo foi refletir sobre a atuação do Tradutor e Intérprete de Libras-Português (TILSP) no teatro e a compreensão da competência tradutória nessa esfera a partir da caracterização dessa atividade. Como base nos estudos sobre a competência tradutória e subcomponentes, a metodologia deste trabalho teve uma abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso e uma entrevista semiestruturada com uma profissional tradutora e intérprete de Libras/Português após sua atuação no teatro. Observamos a importância da subcompetência estratégica na atuação no teatro, relacionada diretamente a todas as outras em especial à subcompetência linguística e de conhecimentos sobre a tradução, nas escolhas e nas adaptações culturais, relacionadas à questão da intermodalidade e elementos extralinguísticos como por exemplo a consideração do público-alvo. A atuação do TILSP é muito complexa por utilizar tantos aspectos cognitivos, a partir de cada situação, por meio das subcompetências, de forma relacionada aos componentes psicofisiológicos e que quanto mais aprofunda em seus conhecimentos melhor é o controle das suas funções.

Palavras-chave: competência tradutória, língua de sinais, esfera artística, teatro

Abstract: The interpretation in the theater is the theme of this article, considering the mobilization of the artistic text between two languages of different modalities, the Portuguese and the Brazilian sign language (Libras). The objective was to reflect on the performance of the translator and interpreter of Libras-Portuguese (TILSP) in the theater and the understanding of the translation competence in this sphere from the characterization of this activity. As a basis for the studies on the translation competence and subcomponents, the methodology of this work had a qualitative approach, through a case study and a semi-structured interview with a professional translator and interpreter of Libras/Portuguese after her performance in the theater. We observed the importance of the strategic sub-competence in the performance in theater, directly related to all the others in special to the linguistic sub-competence and knowledge about translation, in the choices and cultural adaptations, related to the intermodality issue and extra-linguistic elements as for example the consideration of the target audience. TILSP's actuation is very complex because it uses so many cognitive aspects, from each situation, through the sub-competencies, in a way related to the psycho-physiological components and that the more it deepens its knowledge the better it controls its tasks.

Keywords: translation competence, sign language, artistic sphere, theater

¹ É instrutora do Programa de Qualificação Profissional para Surdos, Pessoas com Deficiência e Reabilitados do INSS do Centro Profissionalizante Rio Branco, da Fundação de Rotarianos de São Paulo. Formada em Tradução e Interpretação de Libras-Português pelo Instituto Singularidades e Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Católica de Santos, onde também realizou a graduação em Pedagogia.

² Mestre em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, na PUC-SP.

Introdução

Esta pesquisa tem como objeto o fazer do tradutor/intérprete de Língua Brasileira de Sinais-Língua Portuguesa na esfera artística. A arte consiste em um processo genuíno de comunicação e o tradutor/intérprete nessa esfera que tem como material de trabalho enunciados em pelo menos duas línguas de modalidades diferentes, fator que pode esbarrar em diferentes questões pertinentes à sua atividade.

O campo desta pesquisa é a esfera artística, mais especificamente o teatro, Fomin (2018b) diz que a interpretação nesse contexto precisa superar a dimensão verbal, pois há muitos elementos extraverbais envolvidos, como músicas, movimentação, efeitos sonoros, cenário, reação da plateia e a atuação e o corpo dos atores, por exemplo.

Portanto, apresentamos as questões de pesquisa: Como o processo de tradução entre línguas de modalidades diferentes ocorre como base elementos da competência tradutória? Quais as demandas cognitivas de tradução podem ocorrer em uma interpretação simultânea na esfera artística? Que competências são observadas na atividade de interpretação no contexto do teatro?

Podemos dizer que as linhas de estudo sobre o tema de uma forma geral apresentam, no mínimo, duas atividades, a *atividade de tradução* que consiste na mobilização de textos acabados, registrados em sua maioria na modalidade escrita, com a possibilidade de consulta, revisão e refação, e a *atividade de interpretação* mobilização que ocorre no ato em que o discurso está sendo proferido na língua fonte, atividade efêmera que resulta em outro texto imediato na língua de chegada. Tanto para uma atividade quanto para a outra, os aspectos linguísticos e as questões de tradução podem ser considerados similares, no entanto, a enorme diferenciação dos aspectos extralinguísticos, situacionais e contextuais é o que faz termos que diferenciar uma atividade da outra para poder compreender que tipos de esforços cognitivos e que competências são necessárias para cada atividade.

Sendo assim, é importante salientar que esta pesquisa observou a atuação do TILSP (Tradutor intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa) na atividade de interpretação simultânea. O objetivo foi refletir sobre a atuação do tradutor e intérprete de português para a Libras (TILSP) no teatro e a compreensão da competência tradutória nessa esfera a partir da caracterização dessa atividade. Assim, como objetivos específicos apresentamos os seguintes:

- Identificar as tarefas cognitivas que mais demandam esforço do intérprete no teatro;
- Ressaltar as habilidades cognitivas específicas no que diz respeito à produtividade na interpretação intermodal;

- Identificar elementos da competência tradutória para a solução de problemas na atuação do intérprete no teatro.

Pressupostos teóricos

Com base na linguística, nos estudos da tradução e interpretação e com olhar para duas modalidades de língua distintas, o português e a Língua Brasileira de Sinais, o tema de pesquisa envolve os processos cognitivos na atividade de tradução e interpretação interlingual e intermodal. Para a autora Orlandi (1986) a linguística estuda tudo o que faz parte da língua, portanto tudo é matéria de reflexão, mas tendo como objeto a linguagem verbal, oral ou escrita.

A *tradução interlingual*, de acordo com Jakobson (1969) ou tradução propriamente dita acontece na interpretação dos signos verbais utilizando alguma outra língua, o autor ainda aborda que a prática dessa tradução de maneira generalizada precisa ser sempre objeto de atenção da ciência linguística, pois podem ocorrer diversos problemas em relação as possibilidades de tradução de uma língua para a outra.

Para Corrêa (2006) os conceitos de língua e cognição estão relacionados, a cognição está relacionada a aquisição, a manutenção, a recuperação e o uso do conhecimento, este é o resultado, produto mental, da interação do sujeito com o meio físico e social, tendo a língua como o principal meio de interação, então essa se torna um tipo de conhecimento na qual a criança adquire durante sua interação com o mundo.

Partindo do pressuposto de que a caracterização de entidades e processos mentais envolvidos em tarefas dependentes de conhecimento é o primeiro passo para o entendimento da atividade do cérebro no desempenho dessas tarefas, o estudo da língua como fenômeno cognitivo abre caminho para que se chegue a um entendimento do modo como os processos dela dependentes são implementados no cérebro, criando, dessa forma, um novo espaço de investigação (CORRÊA, 2006, p.2-3).

A questão modalidade e tradução

Em análise aos processos cognitivos presentes em uma interpretação interlingual e intermodal na esfera artística, se faz necessário compreender as características dessas duas modalidades, a visual-espacial e a oral-auditiva.

Conforme Quadros (2004) algumas diferenças entre as produções na Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais

- (1) A língua de sinais é visual-espacial e a língua portuguesa é oral-auditiva.

- (2) A língua de sinais é baseada nas experiências visuais das comunidades surdas mediante as interações culturais surdas, enquanto a língua portuguesa constitui-se baseada nos sons.
- (3) A língua de sinais apresenta uma sintaxe espacial incluindo os chamados classificadores. A língua portuguesa usa uma sintaxe linear utilizando a descrição para captar o uso de classificadores.
- (4) A língua de sinais utiliza a estrutura tópico-comentário, enquanto a língua portuguesa evita este tipo de construção.
- (5) A língua de sinais utiliza a estrutura de foco através de repetições sistemáticas. Este processo não é comum na língua portuguesa.
- (6) A língua de sinais utiliza as referências anafóricas através de pontos estabelecidos no espaço que exclui ambigüidades que são possíveis na língua portuguesa.
- (7) A língua de sinais não tem marcação explícita de gênero, enquanto que na língua portuguesa o gênero é marcado a ponto de ser redundante.
- (8) A língua de sinais atribui um valor gramatical às expressões faciais. Esse fator não é considerado como relevante na língua portuguesa, apesar de poder ser substituído pela prosódia.
- (9) Coisas que são ditas na língua de sinais não são ditas usando o mesmo tipo de construção gramatical na língua portuguesa. Assim, tem vezes que uma grande frase é necessária para dizer poucas palavras em uma ou outra língua.
- (10) A escrita da Língua de Sinais não é alfabética (QUADROS, 2004, p.84).

É possível então perceber que a diferença entre as modalidades, uma oral-auditiva e a outra visual-espacial, faz com que essas línguas existam a partir de experiências diferentes, uma baseada no som e a outra em vivências visuais, e, portanto, que possuam também sintaxes e construções gramaticais diferentes. Desses primeiros estudos para hoje outros aspectos já foram observados, no sentido de pensar as atividades de tradução e de interpretação intermodal.

Para Segala *interpretação intermodal* é um termo que pode definir esse tipo de tradução entre uma língua oral-auditiva a uma língua visual-espacial. O autor também relata a noção de efeitos de modalidade na tradução/ interpretação e a necessidade de reflexão sobre os aspectos que diferenciam estruturalmente as línguas, e incorpora a discussão sobre a forma de registro escrito ou em vídeo para a língua de sinais (SEGALA, 2010).

Nos estudos mais recentes tem se adotado a nomenclatura gestual-visual para designar a modalidade de língua das línguas de sinais a partir da perspectiva da sua produção articulatória e percepção/recepção, isso se torna mais evidente quando da análise da atividade de tradução e de interpretação que envolve modalidades distintas, ou seja, que observam os efeitos da intermodalidade. No entanto, não há distinção e também não há um consenso entre a utilização dos termos já utilizados: manual-visual, visual-espacial e gestual-visual.

Além disso, esses estudos também problematizam o uso da nomenclatura oral-auditiva, reivindicando que a língua de sinais também é produzida na perspectiva da oralidade em contraponto à produção por meio de textos escritos, e que as línguas orais são produzidas por meio de um sistema de articulação vocal (Rodrigues, 2018a).

Sobre o aspecto que caracterizam a intermodalidade e a intramodalidade Rodrigues (2018b), explica que tradução e interpretação intermodal, ocorre entre línguas de distintas modalidades – uma vocal-auditiva e outra gestual-visual; já a tradução e interpretação intramodal ocorre entre línguas de mesma modalidade – entre duas línguas vocais-auditivas ou entre duas línguas gestuais-visuais.

Rodrigues (2018a) sobre a diferença entre as modalidades de língua, explica que as línguas orais possuem articuladores vocais pequenos e internos ao corpo que manipulam os sinais acústicos, já as línguas de sinais “contam com articuladores comparativamente maiores, simétricos, externos ao corpo e visíveis, que criam sinais gestuais dependentes de sua recepção visual (RODRIGUES, 2018a, p.304), sobre os efeitos que essas diferenças podem ter sobre os processos tradutório e/ou interpretativo, o autor destaca dois

(i) a *performance corporal-visual* requerida do tradutor/ intérprete durante à realização da tradução/interpretação para língua de sinais; e (ii) a possibilidade da *sobreposição de línguas* durante o processo tradutório/interpretativo intermodal (*code-blending*). No que tange à *performance corporal-visual*, temos a indissociabilidade do tradutor e/ou do intérprete de seu texto alvo, quando este está construído em língua de sinais. Isso ocorre pela necessidade de que os tradutores e os intérpretes intermodais *estejam sempre visíveis diante do público*, já que seu corpo em movimento é que constitui a língua de sinais, a qual possui certos dispositivos linguísticos específicos (RODRIGUES, 2018a, p. 306).

O autor Rodrigues (2018b) em relação a *performance corporal-visual*, esclarece que as línguas de sinais se apresentam de maneira externa ao corpo, portanto o sinal gestual-visual envolve a articulação da cabeça, do tronco e dos braços, tendo expressões faciais, movimentos de braços, contendo movimentos das mãos, pulsos e dedos, movimentos de tronco e cabeça, dentre outros.

O autor define a *interpretação simultânea intermodal* como a “realização, sob pressão de tempo, da translação da enunciação de um discurso de uma língua para outra e de uma modalidade para outra, sendo que o texto alvo deve ser oferecido obrigatória e imediatamente em sua versão final” (RODRIGUES, 2018b, p.120).

Em relação ao impacto que a modalidade gestual-visual produz nos processos tradutórios, conseqüentemente na competência dos tradutores e intérpretes, é necessário refletir sobre como

(i) lidar com e compreender as minorias linguísticas e culturais; (ii) pensar os processos tradutórios e interpretativos para além da transposição semiótica com foco no linguístico; e (iii) conceber e (re)significar as funções e finalidades da tradução, da transferência e da mediação linguística e cultural na (trans)formação da sociedade atual (RODRIGUES, 2018, p.306).

Desse modo, é importante conhecer o conceito de competência tradutória, com base em diferentes estudos e autores, pois além do fato da tradução e interpretação acontecerem entre modalidades diferentes, a competência tradutória possui diversos elementos e componentes que perpassam a atuação do TILSP.

Competência tradutória

Segundo Alves (2015), a competência tradutória se caracteriza por um conhecimento experto, sendo agregado por habilidades e conhecimentos que diferencia o tradutor de outros sujeitos bilíngues (ALBIR, 2005 apud ALVES, 2015, p.289).

O modelo reformulado em PACTE [Processo de Aquisição da Competência Tradutória e Avaliação da Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha] (2003) considera que a competência tradutória é um tipo de conhecimento experto e consiste de um sistema subjacente de conhecimentos declarativos e procedimentais necessários para saber traduzir. A competência tradutória é composta de cinco sub-competências (bilíngue, extralinguística, conhecimentos sobre tradução, instrumental e estratégica) e de componentes psico-fisiológicos (ALVES, 2015, p. 294).

Nos estudos do PACTE a sub-competência bilíngue é composta por conhecimentos procedimentais, são eles os pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais; a sub-competência extralinguística está imbuída de conhecimentos declarativos em relação ao mundo em geral e em âmbitos particulares; a sub-competência de conhecimentos sobre a tradução é composto por conhecimentos declarativos, incluindo as unidade de tradução, tipos de problemas, processos, métodos e procedimentos utilizados, assim como tipos de tarefa e de destinatário; a sub-competência instrumental possui conhecimentos procedimentais em relação ao uso de documentos e tecnologia que fazem parte da tradução; a sub-competência estratégica é composta por conhecimentos procedimentais buscando a eficácia do processo, sendo possível então identificar problemas aplicando os procedimentos para a resolução; os componentes psico-fisiológicos no âmbito cognitivo incluem a memória, a percepção, a atenção e a emoção, já no âmbito atitudinal a curiosidade, o rigor e a confiança, por exemplo (ALVES, 2015, p. 295, 296).

Rodrigues (2018a) defende, baseado nas diferentes abordagens de competência tradutória, que ela não é uma habilidade inata ou natural, que não é um agrupamento de competências linguísticas e comunicativas, ou uma junção de conhecimentos, atitudes e habilidades ou um simples treinamento técnico (RODRIGUES, 2018a, p.291, 292). Define então que a competência tradutória é um

[...] saber-agir especializado e complexo que integra de forma efetiva conhecimentos, capacidades, habilidades, atitudes e valores. E, por sua vez, compreende a mobilização e aplicação adequada, por parte do tradutor/intérprete, de recursos internos (cognitivos, afetivos, sociais, motores) e externos (físicos, tecnológicos, humanos, temporais) às tarefas específicas de tradução que demandam solução de problemas e tomadas de decisão por meio de um desempenho profissional contextualizado, intencional, situado e satisfatório (RODRIGUES, 2018a, p.292).

Ao tratar especificamente de interpretação simultânea de e para língua de sinais, em relação à subcompetência instrumental, os intérpretes de língua de sinais normalmente guardam as informações na memória, mas há outros recursos que podem ajudar, como por exemplo a preparação para o trabalho, que segundo Nogueira (2019) compreende a consulta de materiais relacionados ao tema da interpretação. É possível então perceber como é complexo o trabalho de interpretação “em que o intérprete ouve ou vê e deve falar ou sinalizar ao mesmo tempo, levando em conta aspectos como o conteúdo, a intenção do autor, o sentido, a prosódia de toda a mensagem que deve ser transmitida, tomando” (NOGUEIRA, 2019, p.206).

Esses aspectos cognitivos, como por exemplo a memória, os componentes psicofisiológicos e a subcompetência estratégica são habilidades também presentes na interpretação simultânea para língua de sinais no teatro, portanto esses processos carecem de ser observados.

A partir da proposta inicial publicada em 2006 por Gonçalves e Machado sobre competências e subcomponentes, Gonçalves (2015) explica que a competência tradutória é formada por capacidades, e estas estão presentes no cognitivo, que são compostas pelas articulações complexas e pelas interações socioculturais e a partir dessa perspectiva define os seguintes subcomponentes:

- A capacidade pragmática/estratégica é a capacidade de por meio dos conhecimentos prévios situados em um determinado contexto, realizar inferências. Este processamento pode levar ao nível estratégico, o qual é responsável pela capacidade de identificar problemas e tomar decisões conscientes. Portanto transitando entre o conhecimento procedimental e o declarativo.
- A capacidade linguística ou metalinguística nas línguas de trabalho, é composta pelos mecanismos automatizados nos níveis lexicais, morfossintáticos e semânticos, e pelo conhecimento consciente e até metaconsciente, envolvendo então as habilidades e os conhecimentos declarativos e metacognitivos.
- A capacidade sociolinguística/ estilística/ textual/ discursiva nas línguas de trabalho está relacionada ao gênero, tipo textual, estilo, marca discursiva de texto escrito e interação oral nas línguas de trabalho, assim como os aspectos contrastivos explícitos entre essas línguas.

- A capacidade nas culturas das línguas de trabalho está relacionada as rotinas socioculturais, como valores, crenças e ideologias, servindo então como fonte para a habilidade sócio-interativa/profissional.
- A capacidade temática é composta por habilidades, conhecimentos e metaconhecimentos relacionados a uma área específica ou de alguma ciência.
- O conhecimento teórico e meta-teórico sobre tradução está relacionado ao conhecimento declarativo e metacognitivo sobre a tradução e suas diversas possibilidades de desdobramentos, portanto é uma subcompetência aberta, pois envolve interfaces com inúmeras áreas de conhecimentos, como por exemplo, o uso de tecnologias.
- Habilidade sócio-interativa/ profissional se refere aos aspectos que estão ao entorno da tradução, como as relações interpessoais e mercadológicas.
- Os fatores psicofisiológicos podem chegar ao nível procedimental, sendo composto por inteligência psicomotora, por exemplo.
- Os conhecimentos/habilidades não diretamente relacionados se referem geralmente a área de formação principalmente em licenciatura e línguas.

Nesta pesquisa tratamos da esfera artística, mais especificamente o teatro, portanto, foi preciso compreender melhor algumas especificidades da interpretação interlingual e intermodal neste contexto com relação a competência tradutória.

A autora Fomin sobre o tema da verbo-visualidade observa que são muitos os desafios presentes em uma interpretação interlingual, mas na esfera artística no teatro podem ser levadas em consideração outros fatores além das transferências culturais, como a história do texto, o impacto que causa na vida social e os efeitos de sentido que podem ser desencadeados (FOMIN, 2018b, p.143). Se tratando então de um par linguísticos de modalidades diferentes deve-se considerar “o projeto dos elementos que compõem essa enunciação, os discursos, o contexto cultural e todas as interferências visuais presentes no espaço físico” (FOMIN, 2018b, p.149).

A autora explica ainda que o intérprete deve considerar toda a cena como a movimentação de palco, os efeitos sonoros, o cenário, o figurino e a iluminação, por exemplo, além dos espectadores, da reação da plateia e da presença ou não de um público surdo (FOMIN, 2018c, p.60).

A pesquisa

A pesquisa é de natureza qualitativa, sendo esta subjetiva, descrevendo significados e descobertas, preocupando-se com a qualidade da informação, e de caráter exploratório. Para o delineamento da pesquisa o procedimento utilizado foi o estudo de caso, que tem como propósitos:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;

- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2012, p.54).

Assim, a pesquisa foi realizada na esfera artística, no gênero teatro, duas peças foram assistidas com o propósito de pensar em questionamentos para o estudo, fase em que se inicia o estudo de caso. No dia da coleta de dados uma peça foi assistida e posteriormente realizou-se uma entrevista semiestruturada com uma das intérpretes de Português/Libras que atuou nesse espetáculo.

A coleta de dados foi por meio de entrevista do tipo padronizada ou estruturada, “é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas” (LAKATOS, 2003, p. 197).

Quadro 1: Perguntas para entrevista

- | |
|---|
| <p>1 - Há quanto tempo você atua na esfera artística ou no teatro?</p> <p>2 - Qual a sua formação acadêmica?</p> <p>() Técnico () Graduação () Pós-graduação () concluído () em andamento</p> <p>3 - Você tem formação específica de tradução/interpretação? Qual?</p> <p>4 - O que mais você já estudou? Quer relatar?</p> <p>5 - Qual a sua idade?</p> <p>6 - Há quanto tempo você se considera bilíngue?</p> <p>7 - Considera importante estar envolvido com a comunidade surda?</p> <p>8 - Há quanto tempo atua como tradutor/intérprete no geral?</p> <p>9 - O que você acha que é preciso aprender para atuar na esfera artística?</p> <p>10 - Na interpretação no teatro, cite algumas dificuldades que você sente durante o processo.</p> <p>11 - Como você estuda e se prepara para sua atuação?</p> <p>12 - O que te atrapalha quando você está atuando?</p> <p>13 - Como se sente quando está interpretando?</p> <p>14 - Que estratégias você mais usa durante a sua interpretação no teatro?</p> <p>15 - Costuma trabalhar em equipe? Se sim, como funciona?</p> <p>16 - Já atuou em espetáculos musicais? Se sim, como se prepara?</p> <p>17 - Qual gênero teatral você acha mais desafiador? (infantil, comédia, drama, tragédia...). Por que?</p> <p>18 - Você acha que o trabalho do TILSP no teatro é uma atividade de tradução ou de interpretação?</p> <p>19 - Gostaria de fazer mais algum comentário sobre seu trabalho na esfera artística ou no teatro que não tenha sido perguntado?</p> <p>20 - Tem alguma pergunta sobre a pesquisa que estou fazendo?</p> |
|---|

A entrevista foi realizada buscando encontrar na atuação do profissional tradutor e intérprete de Libras, os aspectos que envolvem a competência tradutória, e a observação das subcompetências e os subcomponentes na atuação.

A entrevista foi feita após a atuação da intérprete no espetáculo *As Três Marias*, do Núcleo Chicote de Língua, na qual Maria Melancolia, Maria Alegria e Maria Faminta são irmãs e estão sozinhas em casa esperando a mãe voltar do trabalho, porém precisam ficar na parte superior da casa, pois a rua está alagada devido a fortes chuvas.

Figura 1- Imagem do espetáculo As Três Marias



Fonte: <https://vejasp.abril.com.br/atracao/as-tres-marias/>

A peça teve duração de cerca de 50 minutos e foi interpretada por duas intérpretes, cada uma interpretando aproximadamente 30 minutos. A sala comportava 70 pessoas, porém havia em torno de 15 adultos e 10 crianças. Não foi possível confirmar a presença de espectadores surdos.

A análise da entrevista

Abordaremos então, no campo do teatro, questões características dessa esfera e a relação do intérprete com as diferentes situações que lhe são propostas, analisando fatores como o seu repertório, preparo e modalidade de língua.

Sobre a competência tradutória, os autores Rodrigues (2018) e Alves (2015) defendem que essa competência não é inata ao sujeito, mas sim formada por vários conhecimentos e habilidades específicas. O autor Shreve (1997) ainda traz o conceito de que a competência tradutória corresponde a uma atuação profissional e é desenvolvida entre a tradução natural e a construída. Posto isso, é possível observar por meio das respostas da entrevistada, alguns desses aspectos relativos ao desenvolvimento da competência tradutória.

Apresentamos a seguir a entrevista realizada com a tradutora/intérprete de Libras que atuou neste espetáculo.

Quando perguntada sobre sua experiência de atuação como intérprete de Libras na esfera artística a TILSP faz considerações importantes:

Pesquisadora: Há quanto tempo você atua na Esfera artística ou no teatro?

Entrevistada: Artística... 8 anos mais ou menos

Pesquisadora: Artística no geral 8 anos ou você já começou no teatro?

Entrevistada: Não, eu comecei no acadêmico, na verdade tem pouco mais, eu comecei interpretando na faculdade, depois eu já comecei com a área artística em 2011 ou 2012.

Pesquisadora: Há quanto tempo atua como tradutor/intérprete no geral?

Entrevistada: Ah, 13 anos.

Pesquisadora: *A partir do momento que você começou você já foi atuar?*

Entrevistada: *Não, é que eu me considero bilíngue a partir do momento que eu comecei a atuar como intérprete, porque assim para conversar, quando você aprende libras só para conversar e você tem uma limitação de conversa mesmo assim, linguística sabe, eu não me considerava bilíngue nessa época apesar de conversar com surdo e de estar aprendendo.*

Podemos observar que a entrevistada só passou a se considerar bilíngue depois de começar a atuar como tradutora e intérprete de Libras profissionalmente, mesmo que em outra esfera, pois anteriormente considerava que tinha uma limitação linguística, mesmo que conversasse com surdos. Observamos aqui, conhecimento declarativo, segundo Alves (2015) é um movimento metalinguístico e metacognitivo, em retrospecto ao aprendizado da língua de trabalho. Para que a subcompetência bilíngue fosse adquirida, a entrevistada explica que precisou de formação específica, se formou primeiramente em outras áreas, realizando ao longo delas alguns cursos livres de Libras, mas posteriormente optou por cursar uma pós-graduação na área de tradução e interpretação de Libras, além de outros cursos relacionados a esfera artística que considera que contribuem para a sua atuação. Também o contato com a comunidade surda é importante, segundo ela foi esse o motivo que a fez aprender a Libras. Esse envolvimento é significativo, pois vai além do conhecimento das línguas, parte para um conhecimento de mundo, conhecimentos socioculturais que interferem diretamente na atuação.

Passamos a discutir agora mais especificamente a atuação durante o espetáculo teatral. Quando da pergunta “*Que estratégias você mais usa durante a sua interpretação no teatro?*”, podemos observar que a intérprete relata em primeiro lugar uma compreensão da esfera em que atua, e a partir disso, além da competência bilíngue já discutida, com base nas subcompetências instrumental e estratégicas, relata

[...] buscar traduzir no corpo a expressão facial e corporal do que está sendo dito, o anafórico... buscar um sinal do personagem que seja condizente com que visualmente a gente vê ou com alguma coisa que, por exemplo que a gente não pegou nenhuma nenhum sinal específico das meninas a gente pegou a Alegria... não sei se você percebeu né... esse que tinha mais a ver com que elas estavam fazendo o tempo todo.

[...] e tentar, por exemplo, nesse espetáculo especificamente no final é um blecaute, quando a menina fala “mamãe” dá um blecaute né... você tem que estar muito atento para não dar um blecaute antes de fazer você fazer o sinal, então esse é o momento assim que você fala “puts vai ele vai falar”, aí você dá uma adiantadinha, aí quando ela falar “ma...”, você já está no “mamãe”, porque vai acabar ali, você já sabe que vai acabar.

Aqui vemos a subcompetência instrumental na atuação, a intérprete toma decisões baseada não no que acontece no momento da cena, mas no estudo prévio do material, de saber fazer a leitura das rubricas do roteiro que recebe e adequar a interpretação para a modalidade gestual-visual às características da esfera que está atuando, como vemos na construção da característica de cada personagem em relação a sua nomeação e referência em Libras a partir

do processo anafórico, e como fica bem claro também com o que acontece no final do espetáculo que é necessário antecipar uma fala, porque, nesse momento mesmo com o blackout o som é perceptível, mas o sinal da Libras não. Portanto, a subcompetência estratégica está diretamente relacionada subcompetência instrumental, ou seja, à capacidade de concatenar informações prévias do estudo à consciência bilíngue bimodal e à esfera em que atua. Pensando que o momento crucial, o ápice do teatro está em como finaliza, como “acaba”, nas palavras da intérprete.

Além disso, quando indagada sobre a questão da modalidade da língua vemos uma consciência da necessidade de adequar o nível de registro na língua alvo, na língua de sinais, vemos que a questão da competência bilíngue é a base e perpassa todo o fazer,

Ah sim, não é... aí você tem a questão de seguir a língua de sinais, formal, formal não, mas a língua de sinais do jeito que está sendo falado, a gente tenta trazer um pouco, por exemplo, se a fala é um pouco mais infantilizada, a gente tenta usar sinais que sejam um pouco mais infantilizados, ao invés do “mãe” o “mamãe”, coisas assim sabe, é dar o contexto do que tá sendo dito mesmo [...].

A intérprete considera importante se sensibilizar com sua área de atuação, assim como estar envolvida com a comunidade, para que possa suprir as necessidades quanto aos instrumentos e as estratégias que precisarão ser utilizadas, nesse aspecto citamos que conhecer os diferentes níveis de registro da língua de sinais, língua alvo nesse contexto, na esfera artística, é aspecto preponderante para uma atuação que faça chegar a mensagem do espetáculo. Quanto a sua preparação prévia para a atuação, a entrevistada enfatiza que mesmo com o recebimento ou não do material, é necessário um estudo e revela a importância de conhecer o público alvo, como infantil ou adulto.

Ela relata que algumas estratégias são utilizadas ao longo do trabalho, a entrevistada aborda o fator de “trazer para o corpo” o que está sendo dito, como gestos e marcas dos personagens, assim como o tipo de fala e entonação de voz, adequando a interpretação na questão das diferenças entre as duas modalidades de língua. Parece que para além da intermodalidade vemos a atuação mais performatizada situada na esfera artística, na atuação no teatro, novamente aspectos ligados ao movimento metalinguístico e metacognitivo.

O autor Nogueira (2019, p.198, 199) aponta que a subcompetência estratégica está conectada as outras por ter o controle do processo, podendo haver problemas imprevisíveis ao longo do trabalho, mas mostra que ela também pode existir na parte prévia, durante a preparação, ao organizar a atuação e trocar experiências e sensações para que o resultado seja mais eficaz.

A competência estratégica é importante, pois os recursos e as estratégias utilizadas além de estarem ligadas ao resultado, antes fazem parte da formação do profissional, uma formação que as vezes não aborda na prática questões que podem surgir no cotidiano e em diferentes contextos, assim como na organização anterior da equipe, proporcionando ao intérprete respostas mais assertivas e melhores soluções para esses problemas. Diminuir a incidência de imprevistos só será possível havendo o conhecimento de todas as possibilidades de recursos que possam ser utilizados e recursos linguísticos e extralinguísticos que possam ser dispostos. Um exemplo disso é a consciência de que atuar sozinho nessa esfera significa um problema real. Quando da pergunta “*Na interpretação no teatro, cite algumas dificuldades que você sente durante o processo?*” vemos a seguinte resposta:

Sim, tem, tem algumas né... é... o teatro você tem que estar com intérprete de apoio, porque se você não tem ou se o intérprete que está com você não sabe né, não sabe trabalhar com apoio dificulta, porque a gente tá de costa para o palco. Então você não sabe de onde tá vindo cada personagem, para fazer o anafórico... Às vezes tem algum sinal que é importante em determinado momento que caracteriza o personagem, sabe.

É possível perceber o quanto é imprevisível a atuação no teatro, como revelado pela intérprete, as vezes recebe somente o texto do roteiro para estudo, muitas vezes o vídeo do espetáculo não é disponibilizado, ou quando recebe o vídeo o áudio não é claro, ou o recebe de materiais obsoletos ou incompletos. No momento da interpretação o fato de estar de costa para o palco, a necessidade de fazer referência aos enunciadores de cada fala sem a possibilidade de visualização da cena, os momentos da quebra para fazer a transição com o apoio, ou o blecaute, por exemplo, todas essas questões estão presentes no processo. Segundo Fomin, na esfera artística é preciso lidar com o instantâneo e imprevisível, pois mesmo com o preparo antes do espetáculo, a cena ocorre naquele momento e as enunciações dos atores e dos intérpretes são únicas (FOMIN, 2018b).

Sobre o trabalho em equipe no teatro, a autora aponta a importância do intérprete de apoio

Em uma apresentação teatral, o trabalho deve ser sempre em equipe. Mesmo que, na interpretação em si, apenas um esteja atuando em cena, o intérprete que não está na cena, está no apoio. E, no teatro, essa pode ser uma importante função, visto que muitas vezes o TILS está de costas para a cena teatral. Dessa forma, o TILS que não está na função de produção em língua de sinais, mas na função de apoio, pode dar dicas visuais do que acontece em cena para o intérprete que está atuando em cena. Esse apoio pode ser linguístico, mas também pode envolver aspectos da visualidade da cena e que podem ser incorporados na interpretação em libras, tais como: movimentação e posicionamento em cena dos atores, expressões faciais e corporais, objetos que são manuseados, dentre outros (FOMIN, 2018c, p.63,64).

O intérprete de apoio, ou a equipe que faz o revezamento, estão ligados de modo direto às imprevisibilidades que podem ocorrer, pois possuem a função de tentar amenizar esses problemas, principalmente na esfera artística em que o intérprete do turno atua de costas para a cena, ele tem a possibilidade de trazer nuances e detalhes que identifiquem um personagem ou um movimento corporal, por exemplo, além de poder se tornar um porto seguro para aquele que está em pé exposto ao público.

A interpretação, sendo a produção final do trabalho do intérprete, faz com que este precise tomar decisões e fazer escolhas, muitas vezes baseadas apenas no seu repertório adquirido em outras atuações caso não tenha tido acesso prévio ao material, ou contar com a memória do roteiro que pode ser traída com a imprevisibilidade e improvisações das cenas, e além disso, quando se trata de musicais é necessário ainda atentar ao ritmo das músicas e às possíveis falas prontas ou resultantes das interações feitas naquele momento com o público. São diferentes esforços cognitivos como, atenção, memória, produção, resolução de problemas de tradução. Os componentes psicofisiológicos são de grande importância na atuação desse profissional no momento da interpretação, como lidar com a memória, a percepção e a exposição.

[...] Lidar com a memória, a percepção e emoção se torna necessário para que se possa adequar o discurso ao público-alvo. Também a capacidade de avaliação de forma crítica, para que se utilize da omissão ou adição de informações como estratégias de fato para a interpretação.

Outro fator fundamental que afeta os intérpretes e está relacionado com os componentes psicofisiológicos é o nível de exposição que os intérpretes enfrentam, especificamente os ILSs que estão trabalhando com uma LS e essa língua está presente com o uso do seu corpo. É importante que o intérprete não se sinta incomodado com isso, especialmente em contextos em que a interpretação é para um grande público, como nas interpretações de conferências (NOGUEIRA, 2016, p. 62).

A entrevistada revelou que os gêneros mais desafiadores para ela são o musical e o infantil, o musical por trazer a questão do ritmo, da diferença entre peças com começo, meio e fim estabelecidos e peças que contém interação com o público sem uma narrativa fechada.

Considerando as subcompetências e subcomponentes, observamos a importância da subcompetência estratégica por estar relacionada diretamente a todas as outras e também fica evidente as subcompetências linguísticas e de conhecimentos sobre a tradução, pois interferem ativamente nas escolhas e nas adaptações culturais, relacionadas à questão da intermodalidade e elementos extralinguísticos como por exemplo a consideração do público alvo.

Ao identificar os problemas e tomar as decisões, podendo realizar inferências, o componente estratégico “entra em jogo” e talvez o fato da entrevistada se sentir bem ao realizar o trabalho signifique que isso é feito cada vez mais de uma forma consciente, podendo desfrutar

melhor de sua atenção, memória e percepção. Como aborda Alves (2015), o tradutor com espectro amplo consegue paralelamente processar os significados conceituais e procedimentais, fazendo inferências para obter uma maior semelhança interpretativa, tudo isso é a atividade metacognitiva do profissional.

Considerações finais

Consideramos que a competência tradutória é formada por diferentes elementos que se interligam todo o tempo, mas que estudadas e analisadas separadamente ajudam o profissional a compreender melhor a sua tarefa.

Realizou-se um estudo de caso com a observação e uma entrevista semiestruturada, a partir da atuação de uma tradutora e intérprete de Libras no teatro, foi possível perceber as tarefas que demandavam esforços, ressaltar as habilidades para a produtividade na língua de chegada e identificar os comportamentos para a solução de problemas.

Ao longo da entrevista foi possível perceber que a intérprete realiza todo esse processo de inferências, a relação entre a língua fonte e a língua alvo, como questões significativas sobre a diferença de modalidade; a subcompetência de tradução, quando revelou a importância de sua formação e de escolhas feitas ao longo da interpretação; a subcompetência instrumental, ao pesquisar e estudar previamente; e componentes psicofisiológicos como o sentimento de tensão antes do trabalho.

A pesquisa foi considerada como piloto, pois devido ao curto tempo e o tipo de especialização apenas realizou-se um estudo de caso, com a observação da atuação e entrevista, ainda assim consideramos que a análise empreendida tenha sido muito enriquecedora para compreender essa esfera de atuação do TILSP e tenha proporcionado importantes reflexões.

Compreendemos que um dos aspectos cognitivos da interpretação simultânea é a memória e que permeia toda atuação da intérprete, apesar das respostas não terem trazido especificamente este ponto, outras perguntas poderiam ser feitas para trazer mais questões sobre a memória do intérprete na esfera artística, pensando em uma próxima aplicação da pesquisa.

Podemos assim perceber o quão complexa é a atuação do TILSP no teatro, por apresentar tantos desafios, advertimos que ainda é uma esfera consideravelmente recente de atuação, e observamos que muitos estão aprendendo na prática quais são as melhores escolhas, as melhores decisões a partir da esfera em que atuam. Ao observar aspectos cognitivos do processo, esse profissional passa a se conhecer e observar quais são suas dificuldades e quais

habilidades precisa desenvolver, com o objetivo de ter controle mais consciente de suas funções cognitivas, o seu preparo e estudo, atenção e memória, relação entre produção linguística e aspectos extralinguísticos, assim como a sua relação com a comunidade e aspectos emocionais podem ser melhor compreendidos ao longo do seu trabalho.

Sobre as estratégias que são usadas, mais especificamente os recursos, o preparo prévio é sempre realizado independente do recebimento do material, assim como o destaque para o trabalho em equipe e do apoio, pois diversos fatores podem dificultar, como o fato de estar de costa para o palco, o funcionamento do áudio, o barulho da plateia, um movimento ou expressão feito por algum ator, interação dos personagens com a plateia, faixa etária e conhecimento de língua do público, por exemplo, os “perrenginhos” dito pela entrevistada, também o “trazer para o corpo” é uma estratégia, um conhecimento de tradução, utilizada por ser uma questão de adaptação cultural, de modalidade de língua, além do repertório que se faz necessário nessa esfera de atuação.

Isso tudo revela como a subcompetência estratégica está conectada diretamente às outras e aos componentes psicofisiológicos, pois mesmo que para a entrevistada o fato de estar interpretando não cause desconforto, mas sim um sentimento de imersão. E consideramos que, a partir dessa imersão o espetáculo possa ser vivenciado pelos expectadores surdo com todas as sensações e sentimentos de quem assiste um espetáculo teatral único.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabio. Bases epistemológicas e paradigmáticas para pesquisas empírico-experimentais sobre competência tradutória: uma reflexão crítica. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 2015, 31.4.

CORRÊA, Letícia Maria Sicuro. Língua e cognição: antes e depois da revolução cognitiva. **Linguagem, história e conhecimento. Campinas: Pontes**, p. 103-139, 2006.

FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues. A Autoria de Tradutores Intérpretes de Libras Português em Espetáculos Teatrais. **Translatio**, 2018a, 15: 57-81.

FOMIN, Carolina. **Verbo-visualidade e seus efeitos na interpretação em Libras no teatro/Verbal-Visuality and its Effects in Brazilian Sign Language (Libras) Interpreting at the Theater**.2018b

FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues, et al. **O tradutor intérprete de libras no teatro: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos**. 2018c

GIL, Antônio Carlos. Como classificar as pesquisas. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 44-45, 2002.

GONÇALVES, José Luiz Vila Real. Repensando o desenvolvimento da competência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. 2015.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. **Linguística e comunicação**, v. 16, 1969.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra, et al. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. 2016.

NOGUEIRA, Tiago Coimbra. A mobilização da competência interpretativa na atuação de conferências: uma reflexão a partir do modelo do PACTE. **Belas infieis**. Brasília, DF. Vol. 8, n. 1 (2019), p. 189-209, 2019.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Linguística**. Editora Brasiliense- SP. 1986

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 2018a, 57.1: 287-318.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, 2018b, 1.44: 129.

SEGALA, Rimar Romano. **Tradução intermodal e intersemiótica/ interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação de Mestrado - Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis: UFSC – Trindade, 2010.